

# Gros garante superávit comercial

O governo brasileiro espera terminar o ano recebendo mais divisas do que as que vai utilizar no pagamento de seus compromissos externos. Foi o que afirmou ontem o presidente do Banco Central, Francisco Gros, ao insistir que "não podemos continuar sendo exportadores de capital". Ele deixou claro a disposição do país de pagar até 2,5% do PTB para os seus credores internacionais, mas foi taxativo: "no final das contas o saldo líquido tem que ter um fluxo positivo". Ou seja, o país tem que receber mais dólares do que os que pretende pagar.

Esta expectativa do governo se respalda na decisão de inverter a solução que vinha sendo apresentada pelo FMI para resolver o problema brasileiro. "Queremos crescer primeiro e depois pensar no pagamento. O dado do problema passa a ser o crescimento. A variável é o pagamento. Se não crescermos não pagamos, até por que não teremos como pagar".

Ao falar genericamente sobre a pro-

posta que o governo terá que apresentar aos bancos credores, Gros insistiu que o único ponto desta proposta já fechado é a decisão de crescimento: "precisamos crescer e logo precisamos financiar este crescimento. Não acho conveniente ficar falando em números agora, mas não sei se é muito diferente dos 4 bilhões de dólares a nossa necessidade de investimento".

Segundo ele, a viagem que fez com o ministro Dilson Funaró foi produtiva justamente por ter servido para que os dois comunicassem no exterior a decisão do país. "Até o dia 20 (data em que o país decretou a moratória dos juros), nós é que estávamos preocupados. Agora todos estão. Para resolver o problema, todos devem se conscientizar que ele não é um problema só nosso, também o é dos credores. E isto foi feito durante a viagem. Adotamos uma postura bastante firme, portanto não era de se esperar que ninguém nos aplaudisse de pé. Mas o recado foi entendido."

A aparente tranquilidade em rela-

ção a um reescalonamento da dívida de curto prazo que vence no próximo dia 31 reside justamente no fato de o governo entender que também interessa aos credores encontrar uma solução. Tanto que Gros evita falar na necessidade de se "sentar, o mais rápido possível, para discutir as muitas idéias que existem". Mas ele não nega a existência de uma proposta incluindo diversos itens, tais como redução de juros, redução de **spread**, conversão de juros, etc. "A proposta é muito ampla, mas o importante é que precisamos crescer e este crescimento precisa ser financiado". Nesta aparente tranquilidade, Gros não deu muita importância ao comunicado feito pelo Citybank ao mercado americano, informando que o crédito junto ao Brasil pode ser considerado perdido. "Estamos em uma situação de grande nervosismo, nós e o lado de lá também. Nesse clima há uma caixa de ressonância grande, e qualquer coisa recebe um impacto maior do que tem."